



A questão da paz no Fórum Social Mundial

Teresa Cunha*

Janus 2005

As sociedades contemporâneas vivem hoje marcadas por relações internacionais de uma complexidade e interdependência crescentes.

As globalizações do milénio

As comunidades humanas, as nações, os Estados, assim como as suas organizações de base regional ou internacional, políticas, económicas e sociais, estão, do mesmo modo, expostas aos múltiplos fenómenos de um tempo e de um espaço nos quais as diferentes globalizações que estão em marcha exercem um enorme atractivo e influência. Portugal faz parte desta mega-comunidade, sofrendo e usufruindo dos fluxos, colapsos e potencialidades provocados por esta realidade. O domínio financeiro na economia, a criação de um mercado planetário, a deterioração do princípio do multilateralismo, que marcara as relações internacionais na segunda metade do século XX, o agravamento das desigualdades mundiais no acesso e distribuição da riqueza produzida e existente, a proliferação de conflitos violentos dentro e fora das fronteiras dos Estados nacionais, tal como o aumento e a irreversibilidade dos desequilíbrios ecológicos, criaram novos problemas e produziram novos contornos em todas as relações sociais existentes.

Durante a década de 90 consolidou-se a globalização das relações económicas segundo um modelo neoliberal, liderado pelas elites dos países tecnologicamente desenvolvidos, que instaurou uma concepção que não se esgota no acesso e transformação de matérias-primas mas, que pelo contrário, coloca sob o seu domínio a maioria das relações sociais materiais e imateriais. É neste contexto, em que diversos movimentos de fragmentação e universalização se cruzam, se contradizem e se impõem, que as questões da paz e da guerra, entre muitas outras coisas, saem das relações sociais e transformam-se em realidades passíveis de se tornarem meros objectos informados de uma estética que se mediatiza e naturaliza através dos meios de comunicação de massas.

O Fórum Social Mundial

O movimento do Fórum Social Mundial surge de uma ideia fundadora que é a de que o projecto *imperial* neoliberal não só é extremamente injusto para a esmagadora maioria da população humana, promove guerras e conflitos bélicos incontáveis e de consequências dificilmente avaliáveis, como conduzirá a um ambiente insustentável e absolutamente incapaz de manter a vida e, no limite, a existência do planeta. Numa palavra, a globalização protagonizada pelas elites instaladas no poder dos países do centro do sistema mundial e das organizações transnacionais como a OMC, o FMI e o BM, é suicida para a humanidade e para o mundo. Sem um projecto e sujeito únicos e universais de mudança, este movimento constrói-se a partir da ideia de um internacionalismo forte, no qual se possam expressar as várias formas que as comunidades de mulheres e homens têm vindo a inventar para resistir e



resolver os seus problemas e que são as suas ideias de emancipação ou libertação. No início do ano de 2001, nas datas em que se reunia o Fórum Económico e Social em Davos reúne-se pela primeira vez, em Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul do Brasil, o primeiro Fórum Social Mundial (FSM).

Caracterizado como um espaço de encontro da “sociedade civil global”, não governamental, não confessional e não partidário, e arena de resistência ao pensamento único neoliberal, busca a articulação de acções concretas e alternativas, constituindo-se, também, como uma assembleia mundial não deliberativa mas propositiva de uma globalização contra-hegemónica. Esta, ao invés da outra, é protagonizada pelos povos, pelos grupos humanos e pelas suas acções de resistência ou de luta expressa, livres da coacção e da violência, por um mundo onde a economia e o mercado possam servir a humanidade e não o contrário. Encontrando um eco importante nos movimentos sociais de todo o mundo, o FSM reúne-se de novo em 2002 e 2003 em Porto Alegre com um número crescente de participantes e de acções desenvolvidas por organizações de todos os continentes.

Apesar da dinâmica mundial presente desde o início, a sub-representação de pessoas e movimentos da África e Ásia acaba por se tornar evidente. Tentando contrariar a institucionalização e promovendo uma estratégia de diversificação de pessoas, propostas e visões presentes nestas assembleias mundiais em que se traduz cada um dos Fóruns, em 2004 ele é realizado em Mumbai, na Índia. Torna-se essencial criar o espaço e a oportunidade para que a Ásia e, pelo menos, a África Oriental possam enriquecer com as suas visões o movimento e o processo de construção de uma agenda mínima comum de resistência e luta contra o neoliberalismo. Ainda que o número de participantes e o número de actividades tenha decrescido, na verdade ganhou-se em diversidade de público e numa nova maneira de ver e falar desta globalização contra-hegemónica.

A paz no Fórum Social Mundial

Na lógica do FSM, a paz aparece desde o início como um pré-requisito de uma mudança substancial no actual estado das coisas públicas humanas. A paz é expressa enquanto recusa de um mundo militarizado predisposto a tornar cada objecto privatizável, num alvo militar para o obter ou para assegurar a protecção à continuidade da sua exploração. A paz, tal como aparece na retórica oficial do FSM, é, sobretudo, a ausência de guerra ou de conflito bélico, em consequência de uma política global assente na extrema competição, apropriação e exploração. A paz, neste sentido, surge no discurso do Fórum como um conceito abrangente mas relativamente vago e que pretende vincar apenas uma posição geral não militarista. Porém, a análise dos programas de 2002, 2003 e 2004 permite conceber melhor como o conjunto do Fórum percebe, evolui e age acerca da paz e da guerra.

Em primeiro lugar e no que diz respeito às iniciativas da responsabilidade das organizações presentes, percebe-se que existe uma preocupação muito generalizada e diversificada acerca da paz e da análise das causas e consequências dos conflitos violentos. A centralidade da paz, com sentido abrangente mas com um valor concreto para a vida das pessoas, aparece disseminada pelo conjunto de seminários, oficinas, mesas de diálogo e controvérsia, painéis e conferências, propostas e realizadas em cada um dos três anteriores FSM. No Fórum de 2002 não se encontram muitas oficinas e actividades autopropostas e geridas que tratem



explicitamente do problema de paz e da guerra, mas muitos dos assuntos abordados são claramente conectáveis com elas. De entre todos podem-se destacar os seguintes: as práticas da não-violência; as organizações internacionais e a regulação das relações internacionais; imperialismo e violência; a crise capitalista e a guerra; a paz e a justiça social; a globalização de baixo para cima desafiando a globalização inversa e a guerra; a construção da paz nos países afectados pelas guerras ou regimes políticos militaristas e genocidas; a cultura da paz; a nova ordem geopolítica internacional e as suas implicações; paz e trabalho. Estas actividades surgem quase todas organizadas no âmbito do eixo temático IV designado como *Poder Político e Ética na Nova Sociedade*. No FSM de 2003 a conjuntura mundial faz precipitar as preocupações pela paz e pela guerra, assim, aumentam e amplificam-se as acções e as iniciativas das organizações, redes e movimentos, em torno deste problema.

A organização do Fórum define um quinto eixo temático, *Ordem Mundial Democrática, Luta contra a Militarização e promoção da Paz*, cujo nome traduz o interesse e a urgência crescentes, em torno da paz e da guerra. Durante este Fórum as oficinas e outras actividades auto-organizadas sobre estes assuntos ascendem a uma centena, analisam e abordam problemáticas tais como: a não-violência; acção directa pela paz; relações internacionais, paz e governação mundial; arte e paz; educação e paz; paz interior; paz interna para uma paz mundial; a análise dos processos de conflito e construção da paz vinculadas a casos nacionais – Colômbia, Palestina, Afeganistão, Congo, Paquistão, etc; transformação positiva e criativa dos conflitos; diálogo intercultural e resolução de conflitos; guerra e terror; mulheres e paz; feministas e paz; paz e democracia; paz e autodeterminação dos povos; paz e segurança; religiões e paz.

Em Mumbai, o número deste tipo de actividades decresceu, situando-se em cerca de meia centena, mas as propostas de análise densificam o conceito de paz que se desenvolve no seio do FSM, através das actividades e soluções trazidas pelos movimentos e redes. Ao longo dos quatro dias do FSM trataram-se assuntos como os seguintes: armas ligeiras; armas nucleares; guerra e autodeterminação; cultura da paz; guerra e pobreza; *media* e militarismo; educação e paz; construção da paz – Afeganistão, Iraque, Libéria, Colômbia, Palestina, Tibete, etc; paz e justiça global; prevenção e resolução de conflitos; paz e segurança humana; desmilitarização e desarmamento para a paz; género e guerra; religiões e paz; reconstrução pós-bélica; as crianças nos processos de paz; água e guerra; ocupações imperiais bélicas; a militarização da ajuda humanitária; guerra e saúde pública; paz e direito; paz e ética; sociedade civil na construção da paz; controlo de armas; e ainda, o militarismo.

Desta pequena análise se destaca que, um após outro evento, não só a Paz ocupa um espaço importante nas discussões das organizações e do Fórum em geral, como se amplificam os paradigmas interpretativos do conceito. Aliás, quase que se pode afirmar que este passa a funcionar como um meta conceito transversal a todas as visões, necessariamente plurais, do lema fundador: *um outro mundo é possível*. Em segundo lugar, e apesar de serem muito menos diversificados e ricos tematicamente do que as acções e iniciativas das bases do movimento, os programas dos três últimos Fóruns revelam a importância, a atitude e o discurso presentes na programação oficial internacional da responsabilidade dos diferentes Comitês Organizadores. De facto, desde 2002 que a paz aparece sempre referida e sempre



como um horizonte das múltiplas utopias que o Movimento anuncia. Com um pico quantitativo em 2003, continua a aprofundar o seu espectro em 2004. É relevante o facto de, no último Fórum em Mumbai, o discurso de abertura ter sido numa parte importante dedicado à guerra e à paz. Ao lugar central que a guerra tem no projecto imperial neoliberal, corresponde um lugar primordial da paz na construção da resistência, alternativas e respostas que o Movimento precisa de realizar e consolidar de forma global.

Informação Complementar

FSM: PAINÉIS E CONFERÊNCIAS MUNDIAIS

2002

Globalização e militarismo

Geopolítica e geocultura – Visões de uma nova ordem imperial

Guerra e paz – Os instrumentos do direito internacional na regulação entre os países

A luta contra a guerra imperialista – Desafio na construção do internacionalismo no início do século

Paz e trabalho

Terror de Estado

Fórum um mundo sem guerras é possível

Uma polícia democrática e cidadã para a construção da paz

2003

Marcha da diversidade contra a guerra

Tambores e vozes pela paz

Ordem mundial – Soberania e papel dos governos e da ONU

Estratégias democráticas para resolver conflitos internacionais

Império, guerra e unilateralismo

Resistência à militarização

Governança económica global e instituições internacionais

Cooperação democrática – Integração, multilateralismo e paz

Contra a militarização e a guerra

Paz e valores

Como enfrentar o império

Globalização e militarização – Obstáculos ao progresso dos países em desenvolvimento com foco específico na região árabe

Guerra contra o Iraque – Estratégias de solidariedade internacional

Guerra contra o Iraque – Impacto social, político e económico

Rede da Europa contra a guerra no Iraque

Em oposição às guerras do século XXI, como construir a paz entre os povos

2004

Militarismo, guerra e paz

Guerras contra as mulheres e mulheres contra as guerras

A luta contra o neoliberalismo e a guerra – O seu significado para o FSM

A ocupação pelos USA do Iraque e os problemas da Palestina e do Afeganistão

Tribunal Mundial das Mulheres sobre os crimes de Guerra dos EUA



Os instrumentos do imperialismo – Guerra, comércio e finanças
Dívida, livre comércio e militarização – A estratégia imperialista nas Américas e a
resistência a ela
Combatendo o unilateralismo e reformando as Nações Unidas

CARTA DE PRINCÍPIOS DO FSM

O Fórum Social Mundial opõe-se a toda a visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controlo social pelo Estado. Propugna o respeito dos Direitos Humanos, prática de uma democracia verdadeira, participativa, relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, géneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.

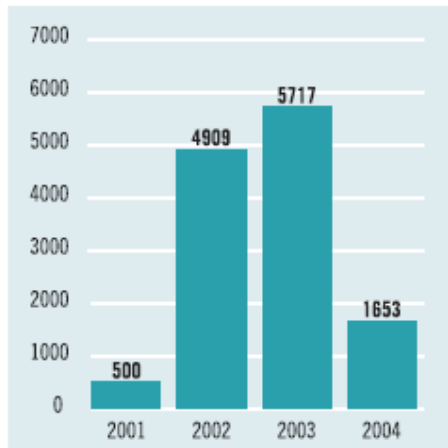
*** Teresa Cunha**

Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pós-graduada em Ciências da Educação pelo CIFOP da Universidade de Aveiro. Mestranda em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Investigadora do Núcleo de Estudos para a Paz do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Docente na Escola Superior de Educação de Coimbra.

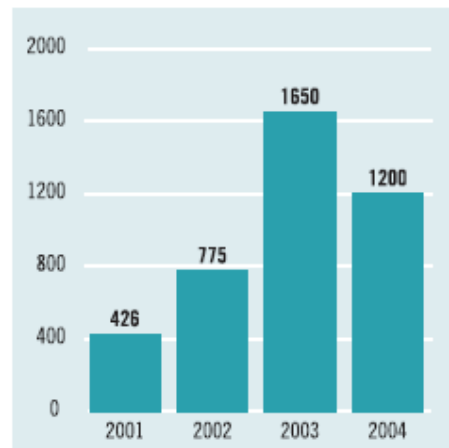


Infografia

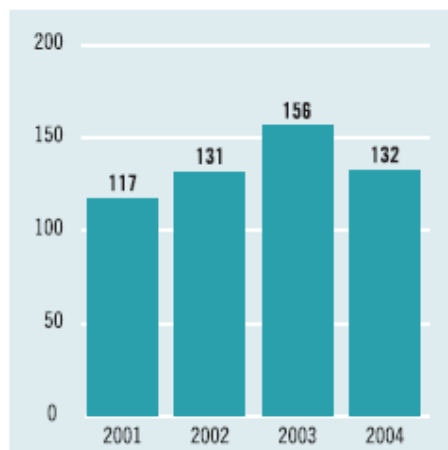
NÚMERO DE ORGANIZAÇÕES NO FSM



NÚMERO DE EVENTOS



NÚMERO DE PAÍSES REPRESENTADOS



NÚMERO TOTAL DE PARTICIPANTES

